



O ENSINO DE INGLÊS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: Realidades de um município do Centro-Oeste do Paraná

Fernanda Seidel Bortolotti (Unicentro)

Cibele Krause-Lemke (Unicentro)

Resumo

Este trabalho investiga as formas pelas quais se dá a oferta do ensino de Língua Inglesa na Educação Infantil (EI), em um município do centro-oeste do Paraná. É parte de um estudo, ainda em andamento, a nível de mestrado. Sendo assim, especificamente, este tem como objetivo socializar e discutir dados quantitativos obtidos no primeiro semestre de 2019, referentes à oferta de inglês na etapa da EI no município de Guarapuava (PR). Foram contatadas sessenta (60) instituições públicas e vinte e três (23) instituições particulares, as quais participaram de entrevista semi-estruturada a respeito da presença de oferta da língua inglesa na EI; idade aproximada das crianças nesta fase da escolarização; carga horária semanal disponibilizada a esta língua no currículo escolar, entre outros aspectos. Verificou-se que a cidade de Guarapuava vive uma realidade contrastante quando comparados os setores públicos e privados, seguindo a lógica nacional de não implantação de políticas públicas locais específicas para o ensino de inglês na EI. Em compensação, tomou-se conhecimento da existência de uma parceria com uma instituição de curso de idiomas através da qual voluntários atendem 14 instituições do município, semanalmente por cerca de 50 minutos, com intervenções para turmas de 4 e 5 anos. No entanto, ressalta-se que o perfil dos voluntários é de alunos do Ensino Médio. Os dados coletados nos direcionam para duas problemáticas: i) a falta de proatividade da maioria dos municípios em ofertar essa possibilidade de educação para as crianças da rede pública, e ii) a vinculação de jovens estudantes com mínimo preparo para o trabalho em uma sala de aula da EI, seja em termos de conhecimento da língua, de questões pedagógicas e da faixa etária das crianças envolvidas.

Palavras-chave: Língua Inglesa. Educação Infantil. Formação docente.

Introdução

Segundo o último censo do IBGE (2010), a população de Guarapuava - PR era de 167.328 pessoas, sendo previsto o aumento para 180.334 no ano de 2018. Em



relação ao estado, é a 9ª maior cidade e a 1ª em sua Microrregião. As taxas de escolarização dizem respeito apenas às crianças com idade entre 6 e 14 anos (ou seja, não se trata do público em questão), contudo serão apresentadas para traçar um esboço. Em 2010 o município atingiu 97,1 % de escolarização, ficando colocado na posição 309 de 399 dentre as cidades do estado e na posição 10 de 18 em sua Microrregião. Quanto à EI, os dados mais recentes divulgados também pelo instituto revelam que 3.146 crianças foram matriculadas no ano de 2017.

Diante da ausência de pesquisas acerca do ensino de inglês na EI de Guarapuava ou demais documentos que relatassem este panorama, foi realizado um levantamento com as instituições potencialmente envolvidas na oferta, como forma de conhecer este cenário. Obtiveram-se as informações de contato por meio da plataforma disponível no site da Secretaria de Educação do Paraná, na aba Consulta de Escolas (PARANÁ, 2020). As instituições municipais (responsáveis pela EI à nível público) e privadas (particulares, comunitárias, confessionais e filantrópicas) de Guarapuava - PR foram abordadas primeiramente por e-mail, e em caso de ausência de resposta, por telefone, com vistas a levantar informações sobre: oferta da etapa da EI e do ensino de inglês nesta idade das crianças envolvidas e a carga horária semanal. A partir dos questionamentos feitos junto às escolas criaram-se classes de respostas que proporcionam agrupamentos de determinadas características, posteriormente verificadas em termos de frequência. Essa característica enquadra o estudo no modelo categórico e métrico, dois recursos colocados por Gatti (2004) para se quantificar uma pesquisa. As duas primeiras variáveis são analisadas sob categorias, já a idade das crianças e a carga horária semanal são investigadas em termos métricos.

Resultados e Discussão

Com vistas a cumprir o levantamento das escolas, primeiramente realizou-se uma checagem da listagem de instituições nomeadas “particulares” e “municipais” obtidas no site da Secretaria de Educação do Paraná (PARANÁ, 2020). Notou-se que



das 35 listadas como privadas, 5 não possuíam as características que as enquadrassem nesta pesquisa (2 ofertavam educação especial, 1 faculdade, 1 educação profissional, e 1 escola de dança), 2 estavam duplicadas, e 1 encontrava-se desativada. Assim, das 35 pertencentes à amostra inicial, 8 foram excluídas e ainda mais 1 que não se enquadrava como privada e foi transferida para a categoria pública. Após a dedução destes 9 itens a lista de amostragem oficial das instituições privadas ficou constituída por 26 nomes.

A listagem inicial das públicas contava com 68 itens, a somar 1 instituição advinda de enquadramento errôneo no grupo das privadas. Eliminou-se 6 instituições das obtidas no site: 4 por questão de tentativas de contato sem sucesso, 1 pela ausência de telefone próprio e 1 por duplicidade na lista. Portanto, 63 instituições públicas fizeram parte da amostra oficial e foram contatadas para fins desta pesquisa. A tabela a seguir apresenta os números explanados acima. Destaca-se que todas as instituições que fizeram parte da amostra oficial foram abordadas, inicialmente por e-mail e na sequência pode telefone.

Tabela 1: Definição da Amostra Oficial - Fonte: Autoras

	Privadas	Públicas
Amostra inicial	35	68
Exclusões	-8	-6
Transferências	-1	0
Inclusões	0	1
Amostra oficial	26	63

Com a amostra já definida, o primeiro aspecto a ser observado é a forma de obtenção de contato e, conseqüentemente, de informações. O site consultado apresentava os contatos eletrônicos e telefônicos de praticamente todas as instituições privadas - inclusive atualizados, sendo que nos casos de ausência de detalhes foram buscadas tais informações na internet. Obteve-se retorno de 8 instituições privadas por e-mail, em 17 casos foi necessário fazer ligações, e em 1 os



dados foram obtidos através de uma professora atuante na respectiva instituição. Foram realizadas duas tentativas de contato por e-mail, com 10 dias de intervalo entre elas, e após o último e-mail esperaram-se outros 10 dias por uma resposta, para então dar sequência à tentativa de contato telefônico, todas em abril de 2019.

O mesmo tempo de espera aplicou-se para as instituições públicas, que também foram consultadas neste período, porém a enorme quantidade de instituições sem e-mails cadastrados no site dificultou o retorno por meio desta ferramenta. Inclusive, muitas instituições tinham o e-mail da própria SEMEC como contato. Do mesmo modo que se tentou obter os e-mails das escolas privadas por busca na internet procedeu-se com as públicas, porém sem sucesso. Assim, as informações com relação às 63 instituições públicas foram colhidas por contato via telefone, uma vez que nenhum endereço eletrônico obtido enviou resposta.

Em seguida, apresenta-se o número de instituições em que a modalidade EI foi confirmada e a presença do ensino de inglês nestas. Apenas 3 instituições privadas que segundo a lista da Secretaria de Educação do Paraná ofertavam EI afirmaram não ter esta modalidade. Das 23 que apresentaram resposta positiva a etapa da EI, 17 ofertavam inglês (73,91%), contra apenas 6 (26,09%) que não o incluíam em suas práticas.

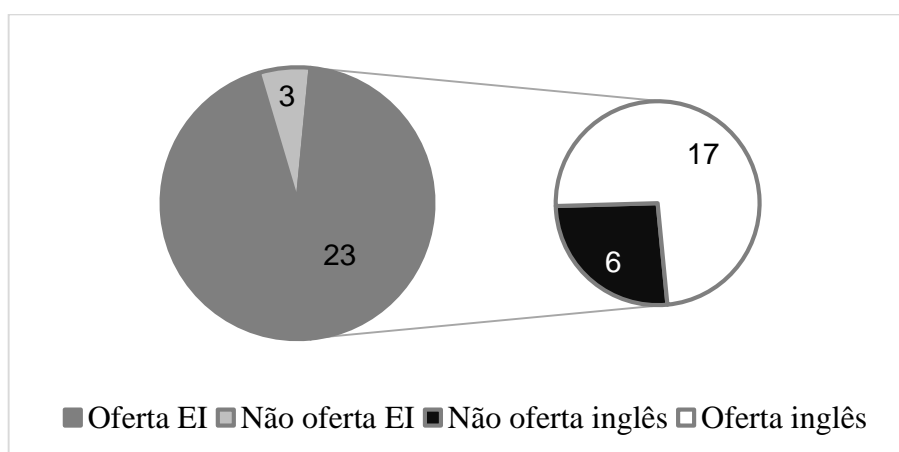


Figura 2: Cenário das Instituições Privadas - Fonte: Autoras



Já em relação às instituições públicas, 3 foram excluídas por não apresentarem EI, sendo assim 60 instituições municipais foram questionadas sobre a oferta de inglês e absolutamente todas responderam negativamente. Algumas mencionarem o projeto existente em parceria com uma escola de idiomas particular, o qual será abordado na sequência do texto.

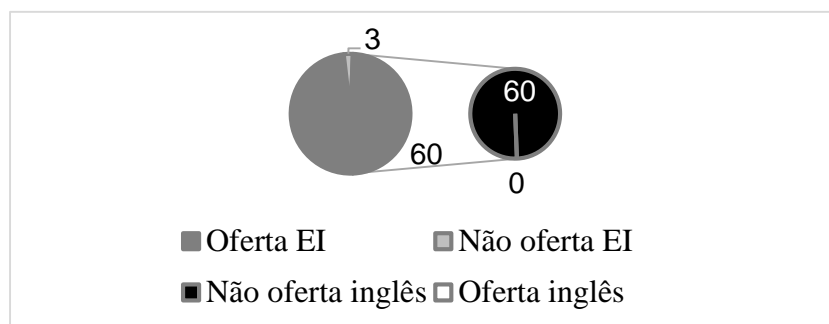


Figura 3: Cenário das Instituições Públicas - Fonte: Autoras

As instituições privadas que ofertam inglês para a EI no município de Guarapuava apresentaram certo padrão quanto à idade das crianças envolvidas, bem como a carga horária semanal. A maioria das respostas obtidas foi vaga com relação à idade das crianças envolvidas no ensino de inglês, por telefone muitos atendentes não souberam precisar tal dado.

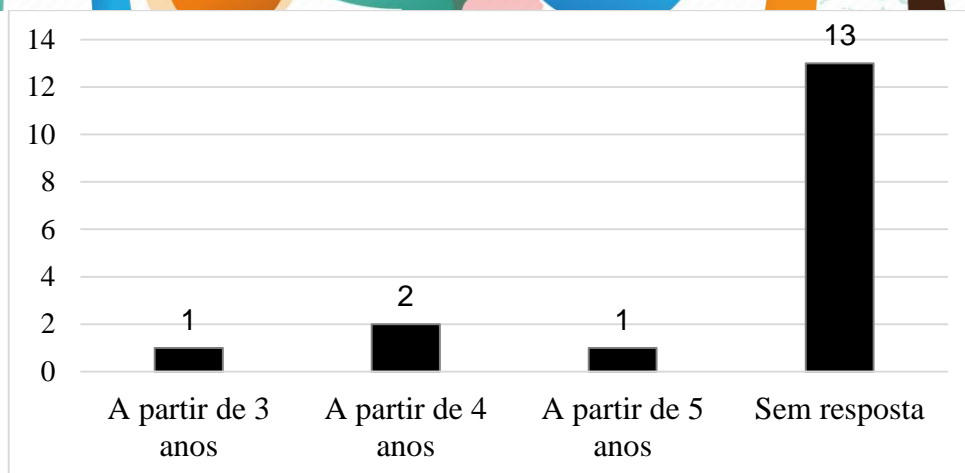


Figura 4: Ofertas por Idade - Fonte: Autoras

No que diz respeito à carga horária semanal, a maioria afirmou ser um encontro de 45 a 50 minutos. Uma única escola se afirmou bilíngue e disse ofertar o ensino diário de inglês. Algumas respostas não foram precisas (6), dentre elas 4 disseram simplesmente não saber (algumas disseram ainda que variava de acordo com a idade e por isso não tinham conhecimento do número exato), 1 se prontificou a enviar esse dado por e-mail, porém nunca o fez, e 1 solicitou à pesquisadora que fosse presencialmente à escola portando um ofício, para que então tivesse acesso ao dado solicitado.

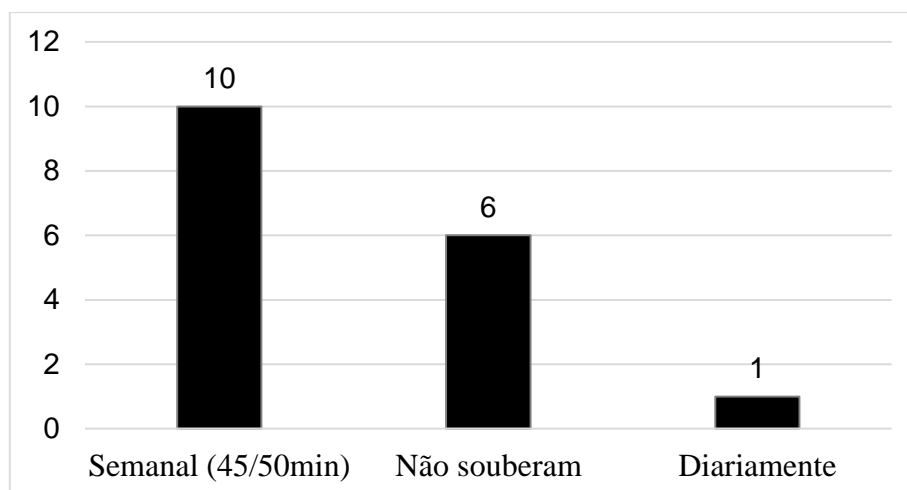


Figura 5: Carga Horária por Escola - Fonte: Autoras



Para além de um mero valor que acabe vazio e sem significado, a mensuração quantitativa é lembrada por Gatti (2012) como importante aproximação do fenômeno em foco, contudo não sendo o próprio problema. Procura-se aqui respeitar tal alerta e olhar além dos números na busca do significado que trazem. Assim, inicia-se a análise dos dados quantitativos gerados, buscando contextualiza-los para que revelem resultados além dos números. Foram elaboradas três categorias, agrupando os temas mais recorrentes e pertinentes para a pesquisa.

Em primeiro lugar, trata-se da discrepância da oferta no setor público, quando comparado ao privado. As instituições municipais de Guarapuava vivem uma realidade que segue a lógica nacional e não são incluídas em nenhuma política pública local de educação específica para o ensino de inglês na EI. Em compensação, conforme mencionado anteriormente, tomou-se conhecimento da existência de uma parceria com uma instituição de curso de idiomas. Através de voluntários, 14 instituições do município (23% das instituições públicas de EI) são atendidas semanalmente por cerca de 50 minutos, com intervenções para turmas de 4 e 5 anos. Ressalta-se que o perfil dos voluntários é de alunos do Ensino Médio, os quais participam de uma breve capacitação, promovida pela escola de idiomas, para a atuação como professores.

A segunda categoria descreve a idade das turmas envolvidas nas aulas de inglês. Quando questionadas sobre, as escolas tiveram dificuldade em precisar tal informação, sendo que aproximadamente 76% delas não souberam fornecer uma resposta. Deve-se lembrar que na altura o contato foi realizado por telefone, e o questionamento feito a quem atendesse a chamada e não necessariamente ao responsável pela EI na escola. O restante das escolas (24%) ficou dividido entre respostas que indicavam crianças com aulas de inglês a partir dos 3, 4 e 5 anos, ou seja, as crianças mais novas não foram apontadas.

De fato, o que se observa na literatura é uma desvalorização generalizada da creche, com práticas para o ensino de inglês às crianças de até 3 anos ainda menos comuns do que a partir dos 4 anos, acompanhando a lógica geral para a educação



neste nível (LIRA; SAPELLI; DREWINSKI, 2016). Na contramão, publicações na área do ensino de línguas indicam a primeira infância, que perdura até os 3 anos de idade, como o período mais propício para o desenvolvimento de habilidades linguísticas, exatamente a faixa etária que comumente encontra-se desassistida (ARAÚJO; FERREIRA, 2019).

A duração e a frequência das aulas compuseram a terceira categoria, onde 59% das escolas afirmaram oferecer aulas uma vez na semana, com a duração de 50 minutos. Uma vez que não há legislação que regulamente e obrigue o ensino de inglês na EI (na verdade, nem para escolas bilíngues), a carga horária fica de fato a critério das escolas. Concorde-se com as reflexões de Möller e Zurawski (2017) no que tangem à ausência de legislações permitir a adoção dos mais diversos programas de ensino e de Projetos Políticos Pedagógicos que não contemplem os métodos pedagógicos, conteúdos, e outros pormenores a respeito do trabalho com o ensino de inglês na EI.

Considerações Finais

A discrepância entre a educação privada e pública já não surpreende os leitores, sejam eles leigos ou estudiosos da área. Grande parte dos brasileiros encontra problemas quanto ao acesso, permanência e a qualidade da educação, revelando a fragilidade da democracia em tempos onde o inglês torna-se uma ferramenta de manutenção de poder dos abastados, ao invés de empoderamento dos menos favorecidos. Todavia, procura-se fazer outra leitura da realidade encontrada nas escolas municipais compreendidas no projeto da escola de idiomas, entendendo suas crianças como pertencentes a uma fatia privilegiada, com acesso à uma língua estrangeira antes de ingressarem no Ensino Fundamental. Em relação ao ensino público, o qual tem sido alvo de incessantes críticas, talvez caiba à comunidade em geral bem como à científica partir do que se tem, com seus acertos e suas falhas, em uma busca constante por melhores oportunidades educacionais e de exercício de cidadania. A falta de proatividade da maioria dos municípios brasileiros em ofertar



essa possibilidade de educação em inglês para as crianças da rede pública não deve ser motivo de contento para os interessados na pauta.

Por fim, discorre-se acerca da vinculação de jovens estudantes com mínimo preparo para o trabalho em uma sala de aula da EI, seja em termos de conhecimento da língua, de questões pedagógicas e da faixa etária das crianças envolvidas. Sabe-se da dificuldade dos percursos para a formação de professores de inglês para a EI no Brasil e entende-se que não há formação inicial e continuada ideal, contemplando simultaneamente aspectos dos cursos superiores em Pedagogia e Inglês. Porém há de se concordar que, ainda que o campo de atuação não seja claramente dos pedagogos ou dos licenciados em inglês, estes profissionais possuem formação inquestionável e merecem valorização em detrimento à voluntários atuantes como professores.

Referências

ARAÚJO, Roberta Maria Monteiro; FERREIRA, Larissa Lima. Ensino de Inglês na Educação Infantil e a BNCC. In: **Anais do XV Encontros de Iniciação Científica UNI7**, v. 9, n. 1, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.uni7.edu.br/index.php/iniciacao-cientifica/article/view/1025>>.

Acesso em: 11 set. 2020.

GATTI, Bernadete Angelina. Estudos quantitativos em educação. Educação e pesquisa, São Paulo, v.30, n.1, p.11-30, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n1/a02v30n1.pdf>>. Acesso em: 11 set. 2020.

GATTI, Bernadete Angelina. A construção metodológica da pesquisa em educação: desafios. Revista Brasileira de Política e Administração da Educação, v. 28, n.1, p.13-34, 2012. Disponível em: < <https://seer.ufrgs.br/index.php/rbpae/article/view/36066>>.

Acesso em: 11 set. 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Consulta de local: município de Guarapuava. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/guarapuava/panorama>>. Acesso em: 10 set. 2020.

LIRA, Aliandra Cristina Mesomo; SAPELLI, Marlene Lucia Siebert; DREWINSKI, Jane Maria de Abreu. Educação infantil para crianças de quatro e cinco anos: entre a obrigatoriedade, o direito e a imposição. **Imagens da educação**, v. 6, n. 2, p. 84-97, 2016. Disponível em:

<<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ImagensEduc/article/view/27947/pdf>>.

Acesso em: 03 ago. 2020.



MÖLLER, Aline Nunes; ZURAWSKI, Maria Paula. Reflexão crítica sobre as escolas bilíngues (português/inglês) de imersão e internacionais na cidade de São Paulo. **Veras**, v. 7, n. 1, p. 109-130, 2017. Disponível em: <<http://site.veracruz.edu.br/instituto/revistaveras/index.php/revistaveras/article/view/297>>. Acesso em: 11 set. 2020.

PARANÁ. Secretaria de Educação do Paraná. **Sistema Consulta Escola**. Curitiba. Disponível em: <<http://www4.pr.gov.br/escolas>>. Acesso em: 10 set. 2020.